



UNICAMP

P14.39

EVENTO: CONCERTO DE VIKTORIA MULLOVA E JEAN LOUIS
STEUEURMAN

VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO

DATA: 12 abr 96

PÁGINA: 4-6

SEÇÃO: ILUSTRADA



MÚSICA ERUDITA CRÍTICA



Divulgação

A violinista Viktoria Mullova, que se apresentou ontem ao lado do pianista Jean-Louis Steuerman

Concerto refinado não transcende

ARTHUR NESTROVSKI
especial para a Folha

Viktoria Mullova gravou recentemente o "Concerto para Violino" de Brahms, com a Filarmônica de Berlim regida por Claudio Abbado.

Registrada ao vivo, sem cortes, sua performance é um ideal de interpretação: para além do virtuosismo, que ela faz parecer tão fácil e natural como a água, Mullova tem a noção mais rara do grande ritmo do "Concerto", a relação elástica entre as partes, uma inteligência para a qual não há adjetivo.

Quem ouviu esse disco e foi ao recital da violinista, acompanhada por Jean Louis Steuerman, anteontem, no teatro Arthur Rubinstein, tinha portanto todos os motivos para esperar algo de memorável. Mas deve ter voltado desapon-

tado para casa.

Tecnicamente impecável, com uma afinação tão perfeita que a gente jamais poderia imaginá-la falseando uma nota, a violinista russa não fez muito mais do que isto: "passou" o programa, na frente de uma platéia. Não chegou a dar um concerto. Talvez seja injusto pedir mais, para alguém que já faz tanto; mas são os padrões que ela mesma nos ensinou.

Num programa como esse —Bach, Beethoven, Debussy, Brahms— o papel do pianista não é de acompanhante, é de solista também. Do Bach sem pedal, no início, à "Sonata nº 3" de Brahms, Jean Louis Steuerman foi um companheiro ascético: simpático, mas seco. Seu Bach tem a ambição antilírica de um superlirismo, do outro lado do sentimentalismo; o barroco sem pathos.

A mesma retórica antimaneirista se traduziu numa sonata "Primavera" curiosamente vazia de Beethoven.

Na segunda parte, os dois voltaram mais convincentes e cheios de som. Mas a impressão geral permaneceu a mesma: um concerto para cumprir agenda.

Faltou a virtude russa da ironia e faltou, no extremo oposto, a ilusão salvadora de uma música que vai se fazendo aos nossos olhos. Viktoria Mullova não conseguiria tocar mal, se tentasse. Mas neste concerto foi menos brilhante do que "blasée".

Tudo muito claro, compreendido, dominado, e frio. Duas horas da música mais refinada que se pode imaginar, e nem um segundo de transcendência. Quem sabe hoje à noite, em Santo André, a platéia não tem mais sorte.